

A black and white profile portrait of Robert Murray M'Cheyne, a man with dark, wavy hair, wearing a dark coat and a white cravat with a bow. He is looking to the right.

**Meditações Sobre a Vida de
Robert Murray M'Cheyne**

— JOHN PIPER —



*Meditações Sobre a Vida de
Robert Murray M'Cheyne*

John Piper

Traduzido do original em Inglês
He Kissed the Rose and Felt the Thorn: Living and Dying in the Morning of Life
Meditations on the Life of Robert Murray McCheyne
By John Piper

Via: DesiringGod.org • Copyright © 2015 Desiring God Foundation

Tradução por Timóteo Werner
Revisão por Camila Almeida
Capa por William Teixeira

1ª Edição: Outubro de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do Ministério Desiring God Foundation (DesiringGod.org), sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Meditações Sobre a Vida de Robert Murray M'Cheyne

Ele Beijou a Rosa e Sentiu o Espinho: Vivendo e Morrendo na Manhã da Vida

Por John Piper

[Conferência Para Pastores • 1 de fevereiro de 2011]

O exemplo mais importante de toda a história de alguém que não publicou nenhum livro e morreu jovem, e, contudo, causou, sobre o mundo todo, um impacto desproporcional à sua curta vida, foi Jesus Cristo. Ele estava com cerca de 33 anos de idade, quando foi crucificado. Hoje 1,3 bilhões de pessoas chamam a si mesmas de Cristãos por causa de Sua vida, morte e ressurreição.

A chave para esse impacto são duas coisas, não apenas uma. Sempre são duas coisas. Primeiro, e mais importante, é Que Ele era — a pura verdade e poder e a beleza de Deus-homem. Sendo Ele quem criou um movimento no mundo que é irrepreensível. Não era a Sua escrita. Ele não escreveu. Era a Sua Pessoa, Suas palavras faladas e Suas ações. Sua presença no mundo era inevitável e infinitamente poderosa. Essa é a primeira chave para o Seu impacto na história.

A segunda — e deve haver uma segunda — é que Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Pedro, Tiago, e Judas retrataram a Sua Pessoa e obra por escrito. Eles escreveram. E por meio desses escritos, a realidade, a verdade, o poder e a beleza do Filho de Deus pode ser conhecida hoje. Se não tivesse havido Pessoa, não teria havido nenhum livro. E se não houvesse livros, nós não conheceríamos a Pessoa e estaríamos perdidos.

Deus ordenou que Ele próprio seria conhecido na história por meio do Verbo encarnado, Jesus Cristo, e através da palavra escrita sobre o Verbo encarnado, a Bíblia. Nós adoramos a Deus que conhecemos na Pessoa de Jesus Cristo. Mas nós conhecemos o Deus que adoramos somente porque aqueles que O conheceram preservaram o que sabiam em um Livro.

Oh, quão precioso é esse Livro!

E parece que Deus ordenou que este original perfeito fosse um padrão na história da Igreja — uma vida poderosa, capturada com veracidade e beleza em um livro e preservada para o bem duradouro da Igreja — esta tem sido a providência de Deus por séculos. Se não tivesse havido nenhum livro, não haveria praticamente nenhuma história da Igreja. E todos

os tesouros do pensamento e da vida durante os últimos 2.000 anos seriam reduzidos a um pequeno fragmento, ou seja, o que poderia ter sido repassado oralmente.

Mas Deus ordenou que seria de outra forma. E eu sou profundamente grato. Ele ordenou que alguns de Seus seguidores fariam um impacto tão poderoso e pessoal, que alguém seria provocado a escrever um livro sobre isso. E que esse impacto pessoal, juntamente com este livro, instruiria, inspiraria e fortaleceria a Igreja durante séculos.

É incrível para mim como Deus tem levantado jovens extraordinários com grande impacto e, em seguida, tem os cortado em sua juventude, e, por conseguinte, tem preservado estes impactos em livros para as próximas décadas e séculos.

Elliot, Brainerd e Martyn

Por exemplo, Jim Elliot, que nunca publicou um livro durante sua vida, tinha 28 anos quando foi morto em 1956. Mas sua esposa Elisabeth Elliot capturou sua vida e missão em *Through Gates of Splendor* [Através dos Portais do Esplendor] e *Shadow of the Almighty* [A Sombra do Todo-Poderoso] que foram publicados dentro de dois anos depois de sua morte e ainda estão sendo impressos hoje, moldando a missão e a história da Igreja.

Depois, há David Brainerd, o missionário dos índios americanos na década de 1740. Ele nunca publicou nada e morreu quando ele tinha 29 anos em 1747. Ele teria saído rapidamente da consciência humana, uma vez que quase ninguém o conhecia, exceto porque, dois anos mais tarde, Jonathan Edwards compilou sua vida e diários em *The Life of David Brainerd* [A Vida de David Brainerd — este precioso livro está disponível em Língua Portuguesa, publicado pela Editora Fiel — N. da R.] que se tornou um dos três livros mais influentes na história das missões modernas.

Depois, há Henry Martyn, o missionário da Índia e Pérsia que morreu em 1812 na idade de 31. Ninguém saberia dele hoje, exceto porque, quatro anos depois, John Sargent escreveu um registro de sua vida e resgatou seus diários e jornais em *Memoir of the Rev. Henry Martyn, B.D.* E assim, gerações de estudantes, especialmente da Grã-Bretanha, foram inspirados a aceitarem o desafio do trabalho missionário.

O Precioso Amigo de M'Cheyne

E agora chegamos a Robert Murray M'Cheyne. Desta vez não é um missionário, mas um pastor local em Dundee, na Escócia, que morreu em 1843, aos 29 anos. Talvez de todos os jovens santos que mencionei, ele é o menos provável a ser lembrado. Ele não foi crucificado como Jesus. Ele não foi espetado até a morte nas selvas do Equador como Jim

Elliot. Ele não sofreu nas florestas selvagens da primitiva América como Brainerd. Ele não morreu na Turquia sozinho e separado de sua noiva como Henry Martyn. Ele era pastor local que serviu sua igreja durante seis anos e depois morreu de tifo e foi enterrado no próprio pátio da igreja.

Mas ele tinha um amigo muito precioso, Andrew Bonar, um pastor nas proximidades; e dentro de dois anos Andrew tinha publicado *Memoir and Remains of Robert Murray M'Cheyne* [Memórias e Lembranças de Robert Murray M'Cheyne]. O livro continuaria sendo impresso e aqui estamos, 168 anos após a morte de M'Cheyne, encorajados e inspirados por sua vida.

Como isso acontece? Duas coisas: uma vida com muito vigor e um amigo para capturá-lo em um livro para os séculos. Nós provavelmente devemos perguntar se isso é uma coisa boa. Livros sobre homens pecadores podem desviar a nossa atenção do principal Livro sobre o Homem sem pecado. Então, seriam os escritos e leituras de tais livros uma coisa boa?

Fixe Seus Olhos Sobre Aqueles Que Caminham

Tenho muitas vezes me direcionado para Hebreus 11 como uma garantia bíblica para amar e ler biografias. Mas, recentemente eu fiquei mais impressionado com Filipenses 3:17, onde Paulo diz: “Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam”. Isso é muito impressionante.

O próprio Paulo é um passo distante de Jesus, o grande exemplo. E ainda assim ele nos chama a “sede também meus imitadores”. Então ele diz: Mantenha seus olhos ou fixem seu olhar naqueles que andam conforme o exemplo que tendes em nós. Essas pessoas estão agora dois passos removidas de Jesus. Paulo segue Jesus, essas pessoas vivem de acordo com o exemplo de Paulo, e, em seguida, é-nos dito a imitá-los. Assim, estamos a três passos de Jesus.

Mas a formulação é ainda mais impressionante. Diz, fixe os olhos (skopeite em Grego) sobre eles. Vejam-nos de perto. Não os percam de vista. Parece-me que este é um dos mandados mais poderosos na Bíblia para fixar a nossa atenção sobre os santos que viveram vidas que são tão exemplares — falhos, mas ainda exemplares.

O Que Há Sobre M'Cheyne?

Este M'Cheyne, assim como Elliot, Brainerd e Martyn, teve uma vida muito curta, mas poderosa e um amigo para gravá-la em um livro. O que houve com esta curta, e em muitos

aspectos comum, vida de M'Cheyne que lhe deu a força que originou o livro (e agora livros) que preservam o seu legado até os dias atuais?

O título que escolhi destina-se a apontar para uma resposta a essa pergunta. Eu tentei vasculhar os detalhes e encontrar os aspectos da vida e do caráter de M'Cheyne que explicam o poder. As pessoas não irão ler e pensar sobre a vida, não importa o quão boa a biografia seja, se não há poder incomum na pessoa por trás dela. Então, o que havia neste M'Cheyne, que morreu aos 29 sendo ministro em sua igreja por apenas seis anos e ser digno de ter nossos olhos fixados sobre ele em obediência à Filipenses 3:17?

Ele Beijou a Rosa

O título é: “Ele beijou a Rosa e Sentiu o Espinho: Vivendo e Morrendo na Manhã da Vida”. A parte principal do título, “Ele Beijou a Rosa e Sentiu o Espinho”, foi tirada da descrição de M'Cheyne dos anos de sua adolescência, quando ele era descuidado, mundano e descrente. Ele disse: “Eu beijei a rosa sem pensar no espinho”. Estou tirando o significado desta declaração de sua cabeça, porque isso é o que aconteceu com a vida de M'Cheyne.

Ele quis dizer com isso: “Eu apreciei todos os prazeres divertidos e bonitos do mundo, e não pensei nenhum pouco nas doenças, sofrimento ou na morte”. Isso é o que ele quis dizer quando declarou: “Eu beijei a rosa sem pensar no espinho”. Mas depois de sua conversão, ele falou muitas vezes de Jesus como sua Rosa de Sarom e ele viveu na constante consciência do espinho de sua doença e que seu tempo poderia ser curto. Ele disse em um de seus sermões:

Não coloque seu coração nas flores deste mundo; pois há mal em todas elas. Almeje a Rosa de Sarom... mais do que tudo; pois Ele não muda. Viva mais perto de Cristo do que dos santos, de modo que quando eles forem tomados de você, você ainda terá a Ele para se apoiar.

Assim, o significado do título, “Ele beijou o Rosa e Sentiu o Espinho”, é que havia uma chave de dupla face ao poder de M'Cheyne: a preciosidade de Cristo e a dolorosa rapidez da vida — ou a proximidade da eternidade.

Apenas na Manhã de Sua Vida

O ponto do subtítulo (“Vivendo e Morrendo na Manhã da Vida”) é para sublinhar a segunda parte deste título. Ele viveu apenas na manhã de sua vida. A maioria de nós vive a manhã, o meio-dia e a noite de uma vida. Mas M'Cheyne morreu antes que ele tivesse 30 anos.

Meu argumento é que sua eficácia não foi frustrada por este fato, mas apenas a tornou mais poderosa. Por causa de sua tuberculose, viveu com a forte sensação de que ele morreria cedo. Este foi um grande fator na sua poderosa utilidade.

Portanto, a chave dupla para a sua vida é a preciosidade de Jesus, a Rosa, intensificada pela dor do espinho, a doença e brevidade de sua vida.

M'Cheyne nasceu em Edimburgo, Escócia, em 21 de maio de 1813. Seus pais teriam sido chamados Moderados, na Igreja da Escócia, não evangélicos. Os Moderados foram o grupo que glorificavam a razão e virtude e uma espécie de pregação moralista que minimizasse as verdades centrais do Evangelho da cruz e do novo nascimento e do poder do Espírito.

M'Cheyne cresceu nesta atmosfera com elevados padrões morais, mas era, por seu próprio testemunho, “desprovido de Deus”. Quando ele foi para a Universidade de Edimburgo com a idade de 14, ele estudou os clássicos. Seu pai disse que “ele voltou sua atenção para... poesia e os prazeres da sociedade, talvez um pouco além da consistência e prudência”. E o professor de Filosofia Moral, Thomas Chalmers, que viria a tornar-se mais influente mentor de M'Cheyne, disse que M'Cheyne foi “um belo exemplar do homem natural”. Ele estava beijando a rosa da aprendizagem clássica e ignorando o espinho do sofrimento e da morte.

Mas tudo isso mudou em 1831, quando ele tinha 18 anos. Robert era o caçula de quatro filhos. Sua irmã Isabella morreu antes dele nascer. Seus dois irmãos foram David e William. Sua irmã Elizabeth viria a morar com ele e cederia a casa para ele durante seus seis anos de pastorado.

David era o irmão mais velho e Robert o amava. Mas David não estava nem espiritualmente, nem fisicamente bem. No verão de 1831 ele caiu em uma profunda depressão e morreu em 8 de julho. De repente o espinho da rosa perfurou M'Cheyne em seu coração. Toda a beleza da rosa que estava vivendo murchou. E pela graça de Deus, ele viu outra Rosa no que aconteceu com David.

Nos dias que antecederam a sua morte, David encontrou uma paz profunda através do sangue de Jesus. Bonar disse que “a alegria do rosto de um reconciliado [morte de David] com o Pai celeste iluminou seu rosto”. M'Cheyne viu isso e tudo começou a mudar. Ele tinha visto uma rosa diferente da aprendizagem clássica. E viu isso com sendo tão bonito, não pelo espinho, mas por causa dele. A espetada do espinho o acordou.

M'Cheyne marcou o aniversário da morte de seu irmão, para o resto de sua vida — mais de doze anos. Um ano mais tarde, ele disse: “Nesta manhã, desde ano passado, me veio o primeiro golpe esmagador de meu mundanismo; quão abençoado sou, Tu, ó Deus, só Tu

conheces e fizeste assim”. Onze anos mais tarde, no aniversário, ele escreveu, “Este dia, há onze anos atrás, eu perdi meu amado e amável irmão e comecei a procurar um Irmão que não pode morrer”.

A palavra “começou” é importante. A mudança decisiva em seu coração pareceu ter vindo alguns meses mais tarde, em março de 1832, quando M’Cheyne estava lendo o livro *The Sum of Saving Knowledge* [A Suma do Conhecimento Salvífico]. Ele o chamou de “a obra que eu acho que, antes de tudo, forjou uma mudança salvífica em mim”.

Conversão Dentro de um Poema

Há alguns vislumbres importantes contidos no coração e na mente de M’Cheyne. Quem estava sendo convertido era um amante da poesia e dos clássicos. Ele estava sendo convertido através de uma emocionante morte de cortar o coração e através de um livro sobre a Doutrina Reformada. Não é uma surpresa e revela muito sobre M’Cheyne e sua maneira de ver e saborear a vida — que o melhor relato que temos da sua conversão é um poema — seu melhor poema conhecido. Não um esboço. Não é um registro de jornal. Não é um sermão. Era um poema.

M’Cheyne não era um grande poeta. Eu não tenho certeza se eu iria considera-lo um bom poeta. Mas o que era bom, e até melhor, é que ele viu o mundo com os olhos de um poeta. Ele tinha um coração de um poeta. Ou seja, ele foi movido pelo que viu e procurou encontrar palavras que ajudassem outros a serem movidos.

Poemas estão espalhados pela parte inicial do *Memórias*. Depois, elas são escassas. Mas isso porque, como o passar do tempo, ele aplica seu dom poético menos às poesias e mais à pregação. Quando você lê seus sermões, você é atingido mais e mais com a provocativa, despertadora, agradável e poderosa forma que ele diz as coisas. É por isso que M’Cheyne é infinitamente tão citado. Ele não enterrou seu dom poético quando ele se tornou um pregador.

Assim, quando este poeta amante dos clássicos foi convertido pela morte de seu irmão e pelo livro sobre Doutrina Reformada, o resultado foi um poema carregado de doutrina que reconta o processo. O poema é chamado de “Jeová Tsidkenu”. As palavras são uma transliteração das últimas duas palavras hebraicas de Jeremias 23:6, “E este é o nome pelo qual será chamado: ‘O Senhor, nossa justiça’”. M’Cheyne valorizou a frase a considerando um resumo da doutrina da justificação — a sua própria justificação. Então, aqui está a história de sua conversão como ele contou em seu poema. E uma das coisas mais comoventes sobre isso é que o último versículo prova-se surpreendentemente preditivo em virtude da maneira que ele morreu de febre tifoide.

Jeová Tsidkenu “O Senhor é a Nossa Justiça”

A palavra de ordem dos Reformadores —

Era alheio outrora à graça e a Deus,
Não sabia do perigo nem dos fardos meus;
Amigos falavam, embevecidos, de Cristo no madeiro,
Mas, para mim, Jeová Tsidkenu ainda não era verdadeiro.

Lia com prazer para me entreter ou me livrar da ansiedade,
A exuberância de Isaías, ou de João, a simplicidade;
Mas, nem mesmo ao imaginar de Cristo o sangue carmesim,
Jeová Tsidkenu significava algo para mim.

Como as lágrimas que as filhas de Sião vertiam,
Eu chorava quando as águas Sua alma encobriam;
Não pensava, contudo, em meus pecados cravados no madeiro;
Para mim, Jeová Tsidkenu ainda não era verdadeiro.

Quando a graça generosa despertou-me com a luz do alto,
Fui tomado de temor e de mortal sobressalto;
Nenhum refúgio ou segurança em mim mesmo posso encontrar,
Somente Jeová Tsidkenu pode me salvar.

Diante desse Nome nenhum terror pode restar;
Banida a culpa, com ousadia hei de me aproximar
Para beber da fonte viva que jamais terá fim;
Jeová Tsidkenu é tudo para mim.

Meu tesouro e glória eterna, Jeová Tsidkenu!
Jamais me perderei, Jeová Tsidkenu!
Seja nas águas, seja em terra firme, em Ti serei vencedor,
Minha corda e âncora, minha armadura e escudo protetor!

Mesmo no vale da sombra da morte,
Lembrar-me-ei desse nome e serei forte;
Pois, quando o Senhor desta vida febril me libertar,
Jeová Tsidkenu serão as últimas palavras que meus lábios hão de pronunciar.

Há tanta coisa sobre esse poema que faz com que seja uma janela para a sua vida. O fato de ser um poema e de que M'Cheyne foi poeta até o fim; o fato de que seu refrão é em Hebraico, uma Língua e um povo que ele amou profundamente; o fato do poema ter o subtítulo “a palavra de ordem dos reformadores”, um legado que ele amava; o fato de que ele celebra a livre graça e dele a ter oferecido tão implacavelmente a outros em todas suas pregações; o fato de que ele abraçou a morte com confiança e que, para ele, ela veio tão cedo. Tudo isso revela coisas profundas sobre a vida e o poder de M'Cheyne.

Chamado para o ministério e Thomas Chalmers

Deus sabia que M'Cheyne viveria apenas 29 anos. Talvez seja por isso que Ele ordenou o seu chamado à fé e seu chamado para o ministério como sendo praticamente simultâneos. Quatro meses após a morte de seu irmão, M'Cheyne inscreveu-se no *Divinity Hall of Edinburgh University*, em novembro de 1831. E, como tantos de nós, suponho — pelo menos foi verdade para mim — ele conheceu o homem que teria a maior influência em sua vida e ministério, Thomas Chalmers.

Chalmers converteu-se enquanto servia como pastor em 1811, e foi chamado para ensinar Filosofia Moral na Universidade de St. Andrews, em 1823 e depois para Edimburgo em 1828. Ele foi a principal força humana na revitalização da Igreja escocesa e superação dos efeitos mortais do Moderalismo.

Uma Paixão Crescente por Santidade

Ele incorporou o vivificador, devoto e evangelístico Calvinismo que moldou a vida e o ministério de M'Cheyne. Você pode ter ouvido um sermão chamado, “O Expulsivo Poder de uma Nova Afeição”. Essa foi a minha primeira introdução a Thomas Chalmers e eu amei. Você poderia chamá-lo de “Hedonismo Cristão ao Estilo Escocês”. Isto tipifica a prática e o sentimento de urgência pela santidade que marcou o ministério pastoral reformado que M'Cheyne incorporou.

Chalmers empregou todo o seu grande aprendizado em sermões sobre santidade e evangelização. Ele alertou M'Cheyne e os outros alunos sobre “o diabo branco” e “o diabo negro”: o diabo negro levando a “pecados carnis” mundanos e o diabo branco a “pecados espirituais” de auto justificação. Ele fez do Evangelho de Cristo crucificado pelos pecadores, o poder central para esta santidade.

A Crescente Paixão pelo Evangelismo

Chalmers ficou profundamente angustiado com a pobreza nas favelas de Edimburgo e por

lá haverem tão poucas testemunhas do Evangelho. Ele estabeleceu a *Visiting Society* e recrutou M'Cheyne e seus amigos para participarem. Isto colocou M'Cheyne em um mundo que ele nunca tinha visto, sendo ele um estudante universitário de classe média alta.

Isto despertou nele um senso de urgência para aqueles que eram carentes do Evangelho. Em 3 de março de 1834, dois anos e meio em seus estudos de Teologia, ele escreveu:

Com tais cenas eu nunca havia sonhado antes. Por que eu sou como um estranho para os pobres da minha cidade natal? Eu passei pelas suas portas milhares de vezes. Eu admirava as enormes pilhas pretas de edifícios, com suas chaminés altas que quebram os raios do sol. Por que eu nunca me aventurei a adentrar? Como pode habitar o amor de Deus em mim?

Como é cordial a aceitação até mesmo dos mais pobres e mais repugnantes, à voz simpática do Cristianismo! Que solitária massa de seres humanos amontoados, não visitados por um amigo ou um ministro! “Nenhum homem se preocupa com nossas almas” está escrito em cada testa. Desperte minha alma! Por que eu deveria dar horas e dias a mais para este mundo vão, quando há um mundo de miséria às portas? Senhor, coloca Tua força em mim! Confirme toda boa vontade! Perdoe-me por minha longa vida de inutilidade e loucura.

Então M'Cheyne levaria consigo, de seu tempo na escola de teologia, uma paixão pela santidade e pelo evangelismo. Estas duas coisas nunca o deixariam e se tornariam os impulsos definitivos de sua vida — tudo isso foi motivado pela beleza da Rosa e foram intensificadas pelo espinho do sofrimento.

Eu me sinto constrangido para fazer um comentário aqui, com relação ao tempo gasto na educação teológica, da brevidade do tempo e da urgência de alcançar as pessoas perdidas. Muitos jovens sentem a urgência da tarefa do ministério aos 19 anos ou 20 e o pensamento de quatro anos de faculdade e três ou quatro anos de formação teológica parece quase como um desvio da tarefa em questão. Ministério em tempo integral imediato *versus* dois, quatro ou oito (ou no meu caso dez) anos de seminário.

Bem, considere M'Cheyne. Ninguém ardeu com um maior zelo pelos perdidos do que M'Cheyne. Uma servente uma vez descreveu-o como “urgente” para alcançar novos convertidos”. Ele escreveu certa vez que precisamos de ministérios que “vão buscar as pessoas. Precisamos de homens com a compaixão de Cristo, que deixam suas casas, amigos,

todos os confortos para trás e adentram a obscuridade da libertinagem, nas covas da Cowgate (conhecida rua de sua cidade natal) e com o amor e a vida de Jesus persuadi-los ao arrependimento para que não morram”. Como Van Valen diz: “O inextinguível fogo de amor ardente pelos pecadores permaneceu com M’Cheyne até que ele foi consumido por esse mesmo amor”.

Seu Investimento Rentável Em Treinamento Teológico

Mas ele não encurtou sua formação universitária. Ele completou seu curso de estudos teológicos e dominou o Grego e o Hebraico. E, em seguida, serviu apenas sete anos de ministério em tempo integral. E eu acho que ele fez a escolha certa. Eu não acho que ele teria sido mais frutífero em ganhar almas se ele tivesse ido às pressas para o ministério. Eu não acho que ele teria tido um maior impacto sobre a igreja da Escócia. E eu não acho que ele inspiraria as pessoas 168 anos mais tarde.

Eu não quero dizer que você tem que ter treinamento formal de teologia para ter um ministério frutífero. O que quero dizer é: Você não será menos frutífero se você investir seu tempo para obter formação e, como M’Cheyne, você pode até ter mais. A frutificação desta vida não é contada em anos. Só lhe restavam sete anos quando ele terminou seus estudos. Mas, com tudo o que ele tinha aprendido de Chalmers, pela imersão no Novo Testamento em Grego e no Hebraico do Antigo Testamento, com um compromisso radical à santidade e evangelismo e com um grupo de amigos, aqueles sete anos valeram sete décadas.

Ele tirou algo a mais de seus dias universitários, o que fizeram uma enorme diferença — amizades profundas, especialmente com Andrew Bonar e Alexander Somerville. Eles costumavam estudar, orar, cantar e evangelizar juntos. A razão pelo qual isto tem de ser mencionado é que, sem essa amizade com Bonar, o *Memórias* nunca teria sido escrito e nós provavelmente nunca ouviríamos falar de Robert Murray M’Cheyne.

Mas parece que essas amizades eram algo mais do que de costume. Elas pareceram ter intensificado tudo o que estava acontecendo naqueles dias. É como se o efeito espiritual de uma experiência deles três fosse mais do que a soma de um, mais um, mais um. Parece que o efeito de experimentar coisas juntos foi exponencial — como se um raio de eletricidade vertical vindo do Senhor fosse supercarregado quando conectado horizontalmente entre M’Cheyne, Bonar e Somerville.

Amizades supercarregadoras com Bonar e Somerville

Bonar descreveu-o assim:

Às vezes pensava que nós três na época éramos como os três discípulos que se lê — Pedro, Tiago e João, antes do dia de Pentecostes... Cristo levou estes três para o túmulo da filha de Jairo e lhes ensinou como ressuscitar os mortos. Ele ensinou-nos desde o começo a não colocar nenhuma preocupação sobre ferramentas humanas, mas mantermos a palavra do Evangelho. Ele nos levou para o monte da Transfiguração e mostrava Sua Pessoa de tempos em tempos. Ele nos ensinou a nos deleitar em Sua Pessoa e, como que em um espelho da glória do Senhor, para sermos transformados nesta mesma imagem. Ele nos levou ao Getsêmani, por vezes, para termos comunhão e mostrou-nos o cálice que o Pai Lhe deu para beber, o qual Ele bebeu, sem deixar nenhuma gota para trás.

A partir de 1838 — nos últimos cinco anos da vida de M'Cheyne — Bonar ministrava na cidade de Collace, apenas algumas milhas de onde M'Cheyne ministrava. Quando M'Cheyne faleceu, em 1843, a igreja em Dundee convidou Bonar para auxiliá-los. Ele pregou em Romanos 8 nos dois cultos de domingo após a morte de M'Cheyne. Ele disse: “Não houve um amigo que eu ameí como ele”.

Uma das minhas orações nestes dias de reforma teológica e revitalização das igrejas é para que milhares de jovens pastores encontrem este tipo de amizade no ministério. Eu torço para que você experimente isso. Em parte, porque isso era muito raro quando eu estava começando a 30 anos atrás. Naqueles dias, as estruturas de comunhão não eram centralizadas na teologia, mas sim nas organizações. Sentia-me tão fraco e superficial.

Foi difícil encontrar reuniões de pastores onde eles se preocupavam em falar sobre a visão bíblica reformada de Cristo e Sua obra e da soberania de Deus em governar o mundo e salvar os pecadores. Mas hoje, as estruturas das relações construídas em torno de profundas e claras verdades da teologia reformada estão em toda parte. E hoje, aos 65 anos, eu tenho amigos íntimos, próximos e distantes, amizades sinceras que foram construídas em algo muito maior, mais profundo e mais maravilhoso do que na conversa pragmática da igreja. Eu gastei tempo com este aspecto da vida de M'Cheyne porque eu quero que você experimente isso.

O seu impacto no mundo será aumentado exponencialmente através destes tipos de amizades. Van Valen capturou este efeito exponencial do grupo de amigos de M'Cheyne:

O seminário de M'Cheyne tendia a ser mais espiritual do que teológico. Sua influência

não era evidenciada tanto nos corredores universitários ou nas salas dos estudantes de teologia. Eles se distinguiram não pelas controvérsias, no que diz respeito a discussões contra erros teológicos, mas sua contribuição foi mais eficaz na difusão do clássico ensino da graça para o público em geral. Sua tarefa foi especialmente focada em evangelização e reavivamento e não para dar substância às estruturas teológicas. Daí vinha a força que residia na pregação, que se distingue da pregação dos outros “na demonstração do Espírito e de poder”.

Grupo de irmãos — companheiros em uma grande causa — são mais do que a soma de suas partes. Deus pode aliar suas mãos de forma teológica, espiritual e pessoal, para que haja este efeito exponencial.

O último dia de palestras teológicas de M'Cheyne foi 29 de março de 1835. Ele era tímido por ter apenas 22 anos de idade. Ele acabou sendo chamado para ser o ministro assistente na paróquia dupla de Larbert e Dunipace em novembro de 1835. Ele serviu lá como assistente até que o chamado veio da Igreja de São Pedro em Dundee em agosto de 1836. Lá, M'Cheyne serviu como o pastor até sua morte, seis anos e meio mais tarde.

Este é um simples sumário de sua vida profissional: estudante até os 22 anos, pastor assistente por um ano e pastor sênior por seis anos. E, mesmo que tivesse havido quaisquer eventos incomuns nesses seis anos pastoreando, apenas dois aspectos se destacam. Ele fez uma viagem de oito meses para Israel em 1838 e sua igreja experimentou um despertar extraordinário enquanto ele estava fora, que perdurou até M'Cheyne falecer, quatro anos e meio depois. David Robertson, que hoje é o pastor da igreja de M'Cheyne, escreve: “O resto de sua vida [após seu retorno de Israel em novembro de 1838] foi dedicado neste momento de despertar para um reavivamento e renovação”.

Então, eu tentei pensar no que fez com que uma vida, um tanto quanto monótona, ser tão útil, até mesmo 168 anos depois de sua morte. Não houve qualquer evento extraordinário em sua vida. Pelo contrário, foi sua extraordinária paixão por Cristo — pela Rosa —, pela santidade e pelas pessoas perdidas, tudo intensificado por suas amizades e seu senso diário da brevidade da vida — o espinho. E toda essa paixão foi preservada em uma inusitada e poderosa linguagem. Ele continua a nos influenciar por causa das palavras que saíram de sua boca, não pelos acontecimentos de sua vida.

Suas Memoráveis Palavras de Inspiração

As palavras, é claro, seriam vazias sem a paixão por Cristo, sem a busca pela santidade e o clamor por conversão. Mas toda essa paixão, seria hoje, sem forma e ineficaz se não houvesse suas palavras. Foram as palavras de M'Cheyne que lhe deram a contínua influência nos dias de hoje. Eu diria que não há uma pessoa em dez, que citaria M'Cheyne e falaria que foi algum evento na vida dele que a inspirou. São suas palavras.

Então, vamos ouvir o que ele diz a respeito da busca da santidade e acerca da sua comunhão com Deus através da palavra e oração. Nós não vamos nos concentrar em sua pregação, mas devemos saber que as duas coisas as quais estamos nos focando, santidade e comunhão com Deus, foram as chaves para o seu poder na pregação.

Isabella Dickson, que se tornou a esposa de Andrew Bonar, ouviu uma pregação de M'Cheyne quando ela ainda era incrédula e escreveu:

Havia algo singularmente atrativo sobre a santidade do Sr. M'Cheyne ... Não era sua postura, nem sua maneira que me surpreenderam; era apenas a Carta viva de Cristo — uma imagem tão linda. Eu senti como quem daria todo o mundo para ser como ele era, mas sabia o tempo todo que eu estava morta em meus pecados.

A Chave para o seu Poder na Pregação

O próprio homem, para ela, era o sermão. Era o que Deus fazia nele em privado que se tornou seu poder em público. As pessoas perceberam que, assim como Moisés, ele havia acabado de descer a montanha, porque seu rosto ainda brilhava com a glória de Cristo. Um dos que o ouviram pregar, escreveu: “Que alegria é estar defronte da vivificação e influência refrescante de uma criatura viva, um verdadeiro homem de Deus, cujo rosto, como o rosto de Moisés, brilha como se refrescada pelo Santo Monte!”.

A razão pela qual ele poderia engrandecer a Cristo e ao Evangelho com tanto poder é que estas coisas foram se tornando mais e mais preciosas para ele. Ele escreveu para sua mãe:

O perdão dos pecados e a aceitação de Deus tornam-se cada dia em minha opinião, “mais indescritivelmente preciosos”. Cristo era a sua vida e assim Cristo encheu sua pregação: “É estranho”, disse ele, “quão doce e precioso é pregar diretamente sobre Cristo em comparação com todos os outros assuntos da pregação”. Ele estava falando

de sua própria comunhão com Cristo, quando disse ao seu povo, “os oceanos insondáveis da graça estão em Cristo para você. Mergulhe e mergulhe novamente! Você nunca irá chegar ao fundo destas profundezas”.

Portanto, a chave para o poder na pregação era sua santidade pessoal e sua comunhão com Cristo na palavra e na oração. Isso é o que vamos focar.

Deus havia dado a M'Cheyne o Evangelho como chave para buscar a santidade pessoal. Ele recebeu-o através dos ensinamentos de Thomas Chalmers. Chalmers estava muito preocupado com a introspecção excessiva na busca pela santidade. Ele sabia que o crente não pode progredir na santidade sem baseá-la na certeza da salvação. E também os esforços para olhar em nossos corações pecaminosos, por alguns motivos da graça, geralmente colocam tudo a perder.

Chalmers disse que vislumbres de dentro do quarto escuro do coração por si só não dão uma boa perspectiva. Em vez disso, ele disse que deveríamos buscar ajuda nas janelas. Abra as janelas e admita o sol. Então, se você deseja olhar bem para dentro, olhe bem para fora... Esta é a própria maneira de resolver isso. Abra amplamente os portais da fé e nisto, todas as luzes serão recebidas para as câmaras da experiência. O verdadeiro caminho para facilitar o autoexame é olhar com fé para o exterior.

Dez olhares para Jesus a Cada Vez que Olhar para si Mesmo

M'Cheyne havia escrito isto em uma aula e sublinhou a última frase. Portanto, não é surpreendente ouvi-lo dar o seu próprio conselho em termos semelhantes: “Aprenda muito sobre o Senhor Jesus. Para que, cada vez que você olhe para si mesmo, olhe dez vezes para Cristo. Ele é totalmente desejável... Viva mais nos sorrisos de Deus. Deleite-se em Suas riquezas. Sinta Seu olhar, que tudo vê, pairando em você com amor. E repouse em Seu braço todo-poderoso”.

Esta foi a estratégia básica na busca pela santidade. E ele sabia que a batalha teria de ser travada por todo o caminho até o fim. Ele disse à sua igreja: “Quando uma alma vem a Cristo, ela não torna-se perfeitamente santa de uma só vez. ‘O caminho do justo é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até o dia perfeito’ [Provérbios 4:18]”. Ele era frequentemente afligido por sua própria falta de santidade. Mas ele sabia que a batalha seria vencida apenas pela forma evangélica de olhar dez vezes para Jesus e “somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Coríntios 3:18).

Então, quando M'Cheyne falou as que seriam, provavelmente, as suas palavras mais famosas, “A maior necessidade da minha igreja é a minha própria santidade”, ele quis dizer que eles não só precisam de um pastor moralmente correto, mas de um pastor que está andando em constante comunhão com Cristo, sendo conformado à semelhança de Cristo, por um relacionamento contínuo.

O que nos leva agora, finalmente, para a forma de como ele cultivou esta constante comunhão com Cristo.

Ele tinha muito a dizer sobre as disciplinas de orar e meditar na Palavra de Deus. Mas temos de perceber desde o início que todas estas disciplinas foram projetadas para cultivar uma não ocasional, mas constante comunhão com Cristo. Ele não pensava em suas devoções matinais como sendo para “acumular um estoque de graça para o resto do dia, porque o maná apodrece se for guardado — mas sim, com a visão de ‘habituar seu olho a olhar para cima por todo o dia e fazer descer o brilho da face reconciliada’”.

Em outras palavras, todas as disciplinas regulares da M'Cheyne destinavam-se a fixar o hábito em seu coração de viver em constante comunhão com Cristo. Ele tinha o hábito de levantar cedo para ler as Escrituras e orar e tentou manter isso até o fim de sua vida. Ele gostava de encontrar-se com Jesus logo cedo. Ele registrou: “Levantei cedo para buscar a Deus e encontrei Aquele a quem a minha alma ama. Quem não gostaria de levantar cedo para encontrar-se com tal companhia?”. Ele escreveu a um estudante: “Nunca veja o rosto de homem até que você tenha visto a face d'Aquele que é a nossa vida, o nosso tudo”. Ou, em outro lugar, ele disse “eu não posso começar minhas tarefas sem que eu tenha visto o rosto de Deus”.

A Chave para a sua Constante Comunhão com Jesus

E quando ele disse sobre ver a face de Deus, ele falava sobre ver a Deus na Palavra de Deus, a Bíblia. Ele escreveu para Horatius Bonar, irmão de Andrew: “Eu amo a palavra de Deus e acho que é o alimento mais doce à minha alma”. Muitos de nós sabemos que M'Cheyne desenvolveu um plano de leitura da Bíblia, que muitos ainda usam hoje, que leva você através do Antigo Testamento e pelo Novo Testamento e Salmos duas vezes em um ano. Mas não são muitos os que sabem que ele também desenvolveu um plano para a leitura de toda a Bíblia em um mês, porque ele acreditava muito que a constante comunhão com Cristo dependia fortemente destes tempos de foco e solicitude para comunhão disciplinada.

E ele também aprendeu através de muita experiência com o Cristo vivo, que você pode ler a Bíblia e não comungar com Ele. Isto não é automático.

Você pode ler a Bíblia e orar até que você morra. Você pode esperar na Palavra pregada a cada dia de Sabbath... [Mas] se você não for conduzido a apegar-se a Ele, a olhar para Ele, a acreditar nEle e a clamar em adoração interna: “Meu Senhor, e meu Deus” — “Quão grande é a Sua bondade! Quão grande é a Sua formosura!”, a observância exterior das ordenanças terá sido em vão para você.

Portanto, a chave de sua santidade e sua pregação não foram apenas momentos regrados de meditação na palavra de Deus. Foi a busca insistente por Cristo através da Palavra. A Palavra escrita tornou-se a janela através da qual ele olhou para as glórias de Cristo — as belezas da Rosa. Esta foi a chave para a sua constante comunhão com Jesus, o que foi a chave para a sua santidade e pregação.

Mas comunhão vai nos dois sentidos e oração foi essencial para o poder de M'Cheyne. Tanto a Palavra de Deus lida, quando a Palavra de Deus pregada, dependem de oração para seu poder.

Nós muitas vezes pregamos para despertar os outros, mas devemos estar voltados a orar por eles. A oração é mais poderosa do que a pregação. É a oração que dá à pregação todo o seu poder... Por que as mãos de Moisés teriam desfalecido se não tivessem sido sustentadas por seu povo fiel. Venha, então, vós os lutadores de Deus — vocês que sobem a escada de Jacó — vocês que lutam a luta de Jacó — perseverem em Deus, para que Ele cumpra a Sua Palavra.

Ele provavelmente tinha a si em mente quando disse:

Uma vez que a parte intelectual do discurso não é a mais apropriada para ser uma flecha que acerta a consciência, aqueles pastores que são homens intelectuais devem investir dez vezes mais oração em seu trabalho, para que tenham suas próprias almas ou as de seu povo afetadas pela sua pregação. Se temos que pregar sempre com compaixão pelos que perecem, devemos nós mesmos ser movidos por aqueles mesmos pontos de vista sobre o pecado e justiça que moveram a alma humana de Jesus.

A oração era tão crucial para seu poder na pregação que ele era sensível para discernir rapidamente qualquer obstáculo à oração. Uma das medidas que M'Cheyne usava para

discernir se ele estava muito apaixonado pelo mundo, era observando o efeito que houve sobre a sua oração e leitura da Bíblia: “Irmãos, se você sempre está muito ocupado com qualquer prazer que leva embora seu amor pela oração ou pela Bíblia... então, você está abusando deste mundo. Oh! Desapegue-se da alegria deste mundo: ‘o tempo é curto’”.

É claro que ele nem sempre viveu pelos seus próprios objetivos. Perto do fim de sua vida, ele estava escrevendo notas sobre “Reformação na oração secreta” [Para ler este precioso escrito de M’Cheyne, acesse: oEstandarteDeCristo.com — N. da R.]. Nelas, ele dizia:

Eu deveria orar antes de ver qualquer pessoa [pela manhã]. Muitas vezes, quando eu durmo muito, ou encontro-me com outros logo cedo, e depois, tenho a oração familiar, e café da manhã, e pessoas que me procuram pela manhã, frequentemente são onze horas ou meio-dia, antes que eu comece a oração secreta. Isto é um sistema miserável. Isto é antibíblico... A oração familiar perde muito de sua força e doçura; e eu não posso fazer nada de bom por aqueles que vêm me procurar. A consciência sente-se culpada, a alma em jejum, a lâmpada não aivada. Então, quando a oração secreta vem, a alma está muitas vezes fora de sintonia. Eu sinto que é muito melhor começar com Deus, ver Seu rosto primeiro, aproximar a minha alma dEle, antes que eu me aproxime de outrem. “Quando acordo ainda estou Contigo” [Salmos 139:18].

Se eu dormi por muito tempo, ou viajar cedo, ou se o meu tempo é de qualquer forma abreviado, é melhor vestir-me apressadamente, e ter alguns minutos a sós com Deus do que dar isto por perdido. Mas, em geral, é melhor ter pelo menos uma hora a sós com Deus, antes de se envolver em qualquer outra coisa.

Eu devo passar as melhores horas do dia em comunhão com Deus. Este é a minha mais nobre e mais frutífera ocupação, e isto não deve ser empurrado para qualquer canto. As primeiras horas da manhã, de seis às oito, são as mais ininterruptas, e, portanto, devem ser assim empregadas, se eu puder evitar a sonolência. Um pouco de tempo após o almoço pode ser dedicado à intercessão. Após o chá é o meu melhor horário, e este deve ser solenemente dedicado a Deus, se possível... Quando eu despertar no meio da noite, eu devo levantar-me e orar, como Davi e como John Welsh fizeram.

Por estes meios da Palavra e de oração, a Rosa de Sarom se tornou mais e mais bela e preciosa para M’Cheyne. E em todo tempo, esses atos de devoção estavam sendo intensificados pelo espinho de seu sofrimento e brevidade de sua vida. Na semana em que ele

terminou os seus estudos universitários, ele escreveu: “A vida em si, desaparece rapidamente. Apressa-se para a eternidade.”

Não demorou muito para que as evidências de tuberculose tornarem-se inconfundíveis. Ele escreveu para sua mãe em 1838, cinco anos antes de morrer: “Minha tosse tornou-se em uma espécie de pigarro prolongado, como a queda de uma chuva de pedras em um telhado”. No início de 1839, ele escreveu: “Meu doentio quadro me faz todo dia sentir que meu tempo pode ser muito curto”. E, para sua própria congregação, ele disse no início de 1843, “Eu não acho que viverei por muito tempo. Espero a qualquer dia, ser chamado repentinamente, possivelmente em breve, e então, eu falarei claramente”.

Todo este sofrimento e expectativa da morte produziram uma simplicidade e um intenso foco que deram maior poder para tudo o que M’Cheyne ainda pode fazer. Ele viu isso como uma maneira misericordiosa de Deus levantar o véu da eternidade. Ele disse em 1839: “Eu sempre sinto isto como sendo uma benção quando o Salvador me leva além da multidão, assim como Ele levou o cego para fora da cidade. De como Ele remove o véu e afasta névoas da obscuridade e, pela sua Palavra e Espírito, conduz à paz mais profunda e a uma caminhada mais santa”.

Ele acreditava que seus sofrimentos e a brevidade de sua vida vieram para sua santificação. “Eu tenho estado muito ansioso para fazer grandes coisas. O desejo de louvor sempre foi meu pecado constante. E qual seria a escola mais apropriada para mim, do que o do sofrimento solitário, longe dos olhos e ouvidos dos homens?”.

Se não orarmos na força que Deus nos dá, a vida — esta curta vida — de M’Cheyne nos ensina que Deus tem maneiras de fazer-nos orar e a buscar a Sua face. M’Cheyne aprendeu isso através do sofrimento. “Paulo nunca orou tão intensamente”, disse M’Cheyne, “do que quando ele teve o espinho em sua carne. O espinho na carne nos faz suspirar por Deus”.

Uma Rosa Mais Desejada Devido ao Espinho

Assim, concluo que, ao viver e morrer na manhã da vida, M’Cheyne beijou a Rosa e sentiu o espinho. Sua suprema alegria foi conhecer a Cristo. Ele viveu em comunhão com Jesus através da Palavra e da oração. E o espinho de seu sofrimento intensificou e purificou esta comunhão, para que assim, pudéssemos ser inspirados 168 anos depois.

Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.